

A ARTILHARIA

NAS OPERAÇÕES CONTRA GUERRILHEIROS

Capitão de Artilharia
A. MACHADO DE PAIVA

A guerra de guerrilhas, nos últimos anos, tem-se tornado manchete, dado o seu emprêgo cada vez mais crescente, nas mais diversas regiões da terra, transformando-se em assunto palpitante, não só nos círculos militares, mas também para o homem da rua.

A razão dêsse fato reside em que, ao contrário das táticas empregadas na chamada guerra convencional, a guerrilha usa uma forma de combate que, não sendo nova na história do mundo, vem-se aperfeiçoando a cada dia. Atacando nos lugares e nas horas menos esperados, nas frentes de combate ou nas retaguardas, o guerrilheiro raramente se expõe. Usando ou não uniformes ou símbolos que o identifiquem e operando nos mais diversos terrenos e sob tôdas as condições atmosféricas, transformou-se êle, para as tropas regulares, em um terceiro tipo de desafio.

E uma unidade, para fazer frente a êsse desafio, necessita, antes de tudo, estar adequadamente instruída.

No caso particular da Artilharia, convém indagar :

Como empregá-la? Estará a doutrina de emprêgo da Arma obsoleta em relação a esta forma de guerra? Serão necessárias modificações na sua organização? Que treinamento adicional deverá ser dado ao pessoal, quando empregado em operações contra guerrilheiros? Que diferenças advirão para um Grupo, motorizado ou autopropulsado, quando engajado nesse tipo de operação?

Vejamos, por partes :

Missão

A missão geral da Artilharia continua a ser básicamente a mesma, isto é, fornecer sempre, e a tempo, o apoio de fogo necessário para destruir ou neutralizar os alvos que ameacem, de imediato, o êxito da Arma apoiada.

No cumprimento dessa missão, há que se reconhecer, surgirão obstáculos que tornarão bem mais difícil a resolução dos problemas

ligados ao emassamento dos fogos, à manutenção da flexibilidade e à observação do tiro, do que os que ocorreram durante a 2ª Guerra Mundial ou mesmo na Coréia. Normalmente, a maior parte das operações serão realizadas por pequenos escalões, duas ou três Companhias de Infantaria e no máximo um Regimento, já que será difícil encontrarem-se objetivos que determinem um emprêgo de maior número de homens, dadas as características da ação do guerrilheiro. Qualquer que seja o escalão apoiado, entretanto, nunca será demais recordar que cabe ao comandante da tropa de Artilharia a missão de propor e aconselhar em assuntos atinentes a apoio de fogo e que dessa prerrogativa não deverá o artilheiro, mais do que nunca, abrir mão.

Organização, emprêgo e instrução

Em operações contra guerrilhas poderão ser empregados todos os materiais de Artilharia de Campanha, especialmente os obuseiros. A Artilharia continuará a organizar-se em Baterias e Grupos, as subunidades a 4 ou 6 peças. Entretanto, o emprêgo no nível Seção ou Bateria é que deverá ocorrer quase sempre. Sabemos que a Artilharia age, antes de tudo, pela potência de fogo que é capaz de lançar em uma determinada área, influyendo no campo de combate, justamente por êste motivo. Raramente, porém, poderão os seus observadores, terrestres ou aéreos, descobrir uma fôrça de guerrilheiros que requeira, para sua destruição ou neutralização, os fogos de mais de uma Bateria. Em tais operações, maior que a necessidade de emassar os fogos de Baterias ou Grupos, é a de poder bater tôda uma larga zona com a maior quantidade possível de tiros. Além das missões de apoio, poderá ainda ser dada a ela a de defender cidades ou vilas, instalações, ou pontos críticos. Daí porque o emprêgo da Seção a 2 ou 3 peças será o que normalmente deverá ocorrer, ocasionalmente chegando-se ao da subunidade e muito raramente ao do Grupo centralizado.

Uma Unidade, instruída para o combate, deverá ter suas Seções e subunidades em condições de realizar operações independentes ou semi-independentes, já que será normal destacar-se uma Seção ou Bateria, para agir em proveito de um Pelotão ou de uma Companhia de Infantaria. Tais frações, em consequência, deverão possuir suas própria armas, uma turma de observação (e mesmo talvez uma turma de ligação), além naturalmente de uma Central de Tiro, comunicações, viaturas e elementos de apoio logístico. Dever-se-á incutir nessas frações a idéia de que deverão estar em condições de cumprir a missão de maneira independente e sem contar com o apoio da Unidade a que pertencem, por períodos que podem variar de uns poucos dias a várias semanas. A expressão "Central de Tiro", empregada acima, não deve, nem pode ser tomada na acepção comumente usada. O procedimento e a composição de uma Central de Tiro de Seção ou Bateria, em tais operações, terá de ser, obviamente, diferente da que é empregada por um Grupo. Não se queiram, também, meios acurados

de técnica de tiro. Antes, os processos para transformar as correções enviadas por um observador em comandos de tiro para as peças terão de ser necessariamente simplificados, a fim de que se consigam os efeitos desejados. O pessoal da Turma Topográfica deverá estar em condições de substituir, a contento, o da Central de Tiro, e vice-versa.

O emprêgo da Seção pode ser ditado pelo pequeno número de canhões ou obuseiros existentes na regiões, ou quando tal região é de grande extensão. Tais fatores determinam, ainda, que a distribuição da Artilharia, a fim de cobrir tôda a zona, seja a mais criteriosa possível.

O emprêgo de peças isoladas deverá ser evitado, mas em áreas onde a atividade dos guerrilheiros seja grande, a presença de uma simples peça para ser empregada em apoio de vilas ou outros pontos tem, afora outros, um valor psicológico que não deve ser desprezado, já que diminui, pelo respeito que infunde, aquela atividade.

Normalmente, quando se empregam peças isoladas, os locais onde são colocadas são pontos de grande importância e a cuja defesa se tenha dado um caráter altamente prioritário. Essas peças deverão sempre estar em posição e prontas para o tiro, não se justificando sua permanência em outra qualquer situação. Deverão ainda, periodicamente, mudar de posição, de modo a desorientar ao máximo a ação dos guerrilheiros e dificultar possíveis golpes de mão.

Dado o tipo de emprêgo em que poderão encontrar-se as Seções ou Baterias do Grupo, aos comandantes destas frações caberão decisões de grande responsabilidade, fato idêntico ao que poderá ocorrer no campo de batalha nuclear. Para que essa Artilharia cumpra com firmeza suas missões, tais chefes terão de ser, também, líderes capazes de influenciar seus homens. Desta liderança dependerá, talvez, o sucesso ou o fracasso.

Os Comandantes de Baterias, além dos problemas que terão de enfrentar com o emprêgo de sua subunidade, independente ou semi-independente, estarão às voltas com aqueles próprios de operações contra guerrilheiros, envolvendo reconhecimento, escolha e ocupação de posição e segurança, principalmente das colunas de marcha.

A tática de guerrilha, de atacar e desaparecer rapidamente (que o americano designa por "hit-and-run") aumenta em muito a responsabilidade de um comandante de Artilharia, que deverá sempre levar em conta a segurança das áreas a serem atravessadas e ocupadas.

A defesa das posições poderá ser aumentada através do emprêgo de cercas de arame farpado, minas antipessoal, sistemas de alarme, etc.

Tôda a atenção deve ser dada aos postos de escuta e o pessoal que nêle vai operar deve ser continuamente instruído, a fim de se evitarem surpresas. Deverão ser realizados exercícios de alarme, noturnos e diurnos, a fim de desenvolver-se no pessoal que possa

ser empregado em tais operações uma reação pronta e ordenada contra ataques de guerrilheiros, de modo a diminuir-se a um mínimo o pânico que possa surgir nessas ocasiões.

A segurança nos deslocamentos, via de regra, estará a cargo da própria Artilharia; portanto, instruções práticas de planejamento da segurança e sua execução deverão ser continuamente realizadas, a fim de mostrar a necessidade da ação agressiva, por parte dos encarregados da defesa à frente e à retaguarda da coluna, bem como dos flancos, e diminuir-se assim a possibilidade de emboscadas. Reações imediatas e de força são vitais para a sobrevivência de quem se desloca e é atacado, visto retirar do agressor a iniciativa.

Quando fôr necessária a ocupação repetida de uma mesma posição, deve-se sempre partir da premissa de que tal área acha-se minada pelo guerrilheiro, devendo antes ser feita uma inspeção cuidadosa. Patrulhas a pé farão a segurança contra a infiltração de guerrilheiros na área de posição.

A deficiência em número e em poder de fogo, aliada aos variados tipos de armas que caracterizam os guerrilheiros, forçam-nos a realizar suas ações, de preferência, à noite. Em consequência, marchas, reconhecimentos e ocupações de posição noturnas devem constituir-se em assuntos a serem ministrados com freqüência e da maneira mais real e prática que fôr possível, de modo que as missões realizadas à noite, com base em um contínuo treinamento, venham a ser cumpridas com a mesma organização e ordem das realizadas durante o dia.

A ocupação de posição, se possível, deve ser feita secretamente, já que a posição da fração, número e tipo de arma, são informações que sempre interessarão ao guerrilheiro. A finta (tática do "cat-and-mouse"), onde aparentemente abandona-se uma posição, quando em verdade novos obuses ocupam-na, possibilitando a que um ataque inimigo seja barrado por fogos de Artilharia, de modo totalmente inesperado, tem apresentado ótimos resultados, embora seja de difícil realização na prática.

Plano de fogos

A possibilidade de ocorrerem missões simultâneas em operações contra guerrilhas, torna necessário que o Oficial-de-Ligação junto a Batalhão da Arma apoiada aja como coordenador do apoio de fogo e controlador dos Observadores-Avançados. Além dos assuntos atinentes às suas funções, em tais operações deverá estar instruído na tática de guerrilhas e operações contra guerrilha, efeitos do terreno nas táticas de guerrilha e das forças amigas, métodos que permitam um aumento da zona observada, principalmente em florestas, pântanos e montanhas, bem como lançamento de comunicações eficientes em tais tipos de terreno, planejamento de concentrações preparadas

na zona de operações, mas longe de áreas com população, estabelecimento de planos que aumentem a defesa de vilas e cidades.

O Comandante de uma força em operações de contraguerrilha ficará sempre às voltas com inúmeros e variados problemas de controle e de comando. Por isso mesmo, o Oficial-de-Ligação da Artilharia e o Observador-Avançado não devem esperar que o Comandante ou seu estado-maior peçam o apoio de fogo, mas devem, em vez disso, oferecer com antecipação e continuamente tal assistência.

Deverá ainda o artilheiro fazer ver ao Comandante da Arma apoiada que a Artilharia é vital a uma operação que deseja ser bem sucedida. Medidas de controle devem ser estabelecidas, tais como limites curto e lateral, linhas de coordenação de fogos, zonas de ação, limites longos, etc., visto que as forças amigas constantemente manobrarão de forma complexa e irregular.

Em tais tipos de operações, raramente ocorrerão tiros de destruição ou de precisão. As missões mais comuns serão as de interdição, inquietação, tiros sobre zona, onde possa estar presente o elemento surpresa, tiros fumígenos ou iluminativos, que possam orientar as forças amigas a manter uma direção de ataque, tiros de contra-emboscada, planejados ao longo de vias de acesso e linhas de comunicação.

Os guerrilheiros habitualmente procurarão esconder seus mortos e feridos da observação, a fim de impedir que a extensão de tais baixas seja conhecida pelas forças regulares e usada inclusive como arma de propaganda. Torna-se necessário, portanto, que se conheçam bem os danos causados ao inimigo.

Observadores terrestres

Os Observadores-Avançados devem ser treinados a fim de suspeitar sempre de qualquer indivíduo ou grupo de pessoas assinalados em sua área de observação. Entretanto, dada a importância do aspecto cívico que é próprio das operações de contraguerrilha, o máximo cuidado deve ser tomado ao se selecionarem os alvos a serem batidos. Fogos indiscriminados de Artilharia poderão provocar baixas entre a população civil, jogando-a contra as forças amigas. Por outro lado, tiros precisos aumentam a confiança do povo na ação do governo em protegê-lo das intimidações e dominações dos guerrilheiros.

As Turmas de Observação devem ser instruídas de modo a se deslocarem a pé, através de campo ou de regiões montanhosas, florestas e pântanos, devendo os treinamentos ser conduzidos nos mais rudes terrenos possíveis. Devem, ainda, manter ligação constante e íntima com a Arma apoiada e isso só será possível através de instruções conjuntas no nível Companhia e Batalhão, das quais também participem.

Com os setores de observação severamente restringidos em florestas, pântanos ou montanhas, as turmas deverão ser instruídas a ajustar o tiro até pelo som, se necessário. As ajustagens serão facilitadas pelo emprêgo de tiro de tempo com granadas explosivas, granadas fumígenas coloridas ou de fósforo branco.

Tais turmas deverão ainda ser instruídas em escaladas e subidas em árvores, de modo a instalarem o melhor observatório possível, malgrado as dificuldades que possam existir, e em muitos casos os observadores poderão valer-se tão somente de cartas na escala 1/100.000, ou simples esboços, que contenham apenas um mínimo de acidentes com suas localizações aproximadas.

Dá ser necessário que o observador esteja em condições de usar, da melhor forma, pobres recursos cartográficos em regiões desconhecidas.

Comunicações

Florestas e terrenos montanhosos reduzem grandemente o alcance normal dos equipamentos de comunicações. Torna-se necessário, portanto, e isto é vital, que se obtenha dêsse equipamento o máximo possível, através de ajustagem e manuseio cuidadosos, colocação correta do veículo ou da antena, de modo que se possa transmitir e receber da melhor forma. Comunicações com fio serão raramente praticáveis, senão impossíveis, face às condições do terreno e às facilidades com que forças de guerrilheiros podem interrompê-las; somente em áreas de PC das Seções ou das Baterias poderão ser empregadas.

Topografia e Meteorologia

Levantamentos topográficos em operações contra guerrilheiros serão grandemente limitados, dadas as condições de terreno, grande distância entre as Unidades e natureza do inimigo. Entretanto, como os dados topográficos aumentam grandemente a precisão do tiro, e essa precisão é fundamental contra guerrilheiros, o máximo empenho deve ser feito a fim de serem obtidos. As equipes topográficas necessitarão freqüentemente da proteção de forças de segurança, a fim de não sofrerem com as emboscadas.

Normalmente, uma direção precisa e pontos tirados de uma carta darão uma base adequada para uma prancheta de tiro.

A disseminação a tempo de dados meteorológicos será difícil; nos climas tropicais, temperatura, densidade e direção do vento sofrem pequena variação diária. Portanto, um fator de correção, baseado na experiência, ainda que não seja um substituto para dados meteorológicos, poderá ser empregado por uma Central de Tiro bem treinada nas correções de alça, evento e deriva.

Informações

O problema mais cruciante e de difícil solução com que se deparam os Comandantes de uma tropa operando contra guerrilheiros é a obtenção de informações precisas e a tempo: — Onde estão os guerrilheiros? — Quais os seus planos?

A Artilharia, com seus observadores e seu sistema de comunicações, constitui-se em uma agência de primeira ordem na coleta de dados e informes. Seus observadores, terrestres ou aéreos, poderão freqüentemente fornecer os detalhes mais importantes dos movimentos dos guerrilheiros, com os quais se possa montar uma operação adequada; como agente de coleta de informes, o Observador-Aéreo encontra-se em primeiro lugar na relação dos mais produtivos em ações contra guerrilheiros. Um simples Observador-Aéreo, muitas vezes pode ver mais e com mais detalhes que um grande número de terrestres.

Um guerrilheiro que atue durante a noite de maneira implacável e com alto grau de adestramento, poderá ter sido durante o dia o pacato lavrador ou fazendeiro por quem passamos; é necessário, portanto, que o artilheiro esteja treinado a estar alerta, observando tôdas as atividades de civis nas áreas de operações ou suas proximidades.

Na busca de informes, especial atenção deve ser dada ao prisioneiro de guerra; muitas vezes, é êle a única fonte de onde se podem obter informações concernentes à disposição dos guerrilheiros, planos de ação futuros, bases secretas, pontos de suprimentos, áreas de instrução, atividades dos seus líderes, etc.

Apoio logístico

Um apoio logístico e administrativo dado a tempo, de modo adequado, é de fundamental importância em operações contraguerrilheiros. As operações de ressuprimento, manutenção de suprimentos e dos equipamentos em condições climáticas adversas, recompletamentos em material e pessoal, evacuação de pessoal e de material através de terrenos difíceis, e serviços especiais que tenham a finalidade de manter alto o moral da tropa, tôdas essas missões não somente requerem um alto grau de habilidade do pessoal nelas engajado, como também um bom nível de instrução. Para que tal apoio se concretize, é necessário que o pessoal esteja treinado em empacotamentos para lançamento pelo ar, lançamento por avião ou helicóptero, reconhecimento de regiões desconhecidas através de cartas, escolha de zonas de lançamentos dos fardos e cálculo de peso e espaço.

Conclusões

Em operações contra guerrilheiros, mais do que nunca, o problema do emprêgo combinado das Armas torna-se fundamental e de mais difícil solução, dificultando sobretudo a escolha e ocupação de posição das peças de Artilharia. Feito o contato, o ataque será orientado tendo em vista a força de guerrilha que é atacada e não a configuração do terreno. Para a Artilharia, isto significa dizer que uma direção geral de tiro poderá com facilidade mudar de 3 200.

Para operar efetivamente em tais condições, o entrosamento entre a Arma apoiada e a de apoio deverá ser o maior possível, devendo existir entre elas o mais alto grau de flexibilidade. Em adição a êste fato e aos que foram acima vistos, maior ênfase dever-se-á dar às condições físicas do homem, intensificando-se a instrução de primeiros socorros, camuflagem, sobrevivência em terrenos adversos, reações imediatas do homem ante ataques inesperados, higiene e ações de caráter civil.

Sobre estas, convém lembrar serem de fundamental importância para o artilheiro, em tais tipos de operações. O apoio e a confiança da população civil, o artilheiro a terá, se agir amigavelmente e com respeito para com os habitantes do lugar, através de uma conduta pessoal ilibada e da execução de tiros precisos.

Operações contra guerrilheiros poderão ser a nova modalidade com que terão os artilheiros em particular, e o Exército em geral, de operar em um futuro próximo. E para que tal desafio seja vencido, torna-se necessário, mais do que nunca, que estejamos em condições de a êle fazer frente, através de um preparo realmente objetivo, em tempo de paz.

Isto só se conseguirá com um treinamento continuado e realista, com a aplicação dos conceitos que outros exércitos tenham formulado, através da vivência em situações de combate, necessariamente adaptados e mesmo aprimorados.

Talvez nunca na história do mundo esteja tão vivo o conceito: — "O preço da liberdade é a eterna vigilância".

E isto, para o Exército, se traduz em :

— "O preço da eficiência é a instrução continuada e objetiva".

Obs.: O presente artigo baseia-se, inteiramente, na doutrina preconizada pela Escola de Artilharia e Mísseis do Exército Americano, Fort Sill, e está calcado nas publicações *Artillery Trends*, de fevereiro de 1964 e julho de 1965.